

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria  
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo  
2022

moralidades  
**CONVERSAS**  
amoralidades  
**SOBRE**  
imoralidades  
**ÉTICA**

**2**renato noguera



## MÓDULO I

TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE  
VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS.  
DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

# moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

## 2 renato noguera

A MORAL É BRANCA?

– TUDO COMEÇOU SEM MELANINA...?

As morais negras, as morais indígenas...

## **SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL  
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL  
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES  
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula  
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini  
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro  
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE  
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa  
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio  
Magalhães

EQUIPE SESC  
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício  
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,  
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão  
Brésio

**MORALIDADES,  
AMORALIDADES,  
IMORALIDADES:  
CONVERSAS SOBRE ÉTICA**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL  
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS  
André Luiz dos Santos, Branca Jurema  
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara  
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato  
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo  
Antunes

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nogueira, Renato  
Moralidades, amoralidades, imoralidades  
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 2 /  
Renato Nogueira. -- São Paulo : Centro de  
Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina  
de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2021.  
PDF.  
ISBN 978-65-87592-03-9  
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia  
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-98501

CDD-171.2

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor do Sesc São Paulo

# Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

## Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

## ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,  
AMORALIDADES,  
IMORALIDADES:  
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,  
CURADORIA  
Fernando Rios  
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA  
Terezinha Azerêdo Rios

### **MÓDULO I TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS - DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?**

A ética começa quando  
entra em cena o outro.  
**UMBERTO ECO**

Reflexão sobre a diversidade  
presente nas sociedades, no que diz  
respeito às construções morais, com  
o propósito de apresentar visões  
diferentes, não para confrontá-las,  
mas para apontar as contradições,  
os conflitos e as possibilidades de  
diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida  
e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.  
**FERNANDO SAVATER**

### **ENCONTRO 1 / 10.06.2021**

Apresentação do módulo  
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO  
COMEÇOU NA GRÉCIA...?  
As morais dos povos antigos, a moral  
dos orientais, a moral africana, a  
moral pré-socrática.  
Convidado:  
Renato Janine Ribeiro

### **ENCONTRO 2 / 17.06.2021**

A MORAL É BRANCA? – TUDO  
COMEÇOU SEM MELANINA...?  
As morais negras, as morais  
indígenas...  
Convidado:  
Renato Nogueira

### **ENCONTRO 3 / 24.06.2021**

A MORAL É MASCULINA? – TUDO  
COMEÇOU COM ADÃO...?  
As morais femininas, LGBT, queen...  
Convidada:  
Halina Macedo Leal

**ENCONTRO 4 / 01.07.2021**

A MORAL É BURGUESA? – TUDO  
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,  
defenderemos a ideia de que, no  
campo da Ética, tudo começa – e  
segue – com todos!

**MÓDULO II.**

**ÉTICA, MORAL E COMPANHIA**

**– SABERES, PENSARES, SENTIRES.**

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se  
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

**VALTER HUGO MÃE**

Articulação entre a ética e os  
diversos campos do conhecimento  
e do agir social, refletindo sobre  
as suas fronteiras e as inúmeras  
pontes que podem ser construídas  
no sentido de ampliar os olhares e os  
pontos de vista.

**ENCONTRO 1 / 08.07.2021**

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,  
os métodos. As especificidades das  
ciências: exatas, biológicas, humanas.  
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

**ENCONTRO 2 / 15.07.2021**

**ÉTICA E RELIGIÕES**

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

**ENCONTRO 3 / 22.07.2021**

**ÉTICA E ARTES**

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

**ENCONTRO 4 / 29.07.2021**

**ÉTICA E EDUCAÇÃO**

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

**ENCONTRO 5 / 05.08.2021**

**ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.**

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.



# sabrina da paixão brésio

## Introdução

Este ciclo é mais uma ação do Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, uma unidade voltada à reflexão crítica e à produção de conhecimento nos campos da educação, arte, gestão e mediação cultural. Convidamos você a conhecer a [Revista do CPF](#), disponível gratuitamente no site do Centro, composta por artigos temáticos e estudos especiais. Acompanhe também a série de lives que acontecem às terças, quintas e sábados, às 16 horas, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#).

Continuamos aqui a publicação das palestras do ciclo “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética”, Módulo 1, que aconteceu nos dias 10, 17 e 24 de junho e primeiro de julho de 2021, às quintas-feiras, das 19 às 21 horas, e que tem como tema: “Tempos e espaços de criação de valores morais e princípios éticos - dominação ou pluralidade?”

Neste segundo encontro, convidamos o filósofo Renato Nogueira

para apresentar e debater o tema: “A moral é branca? Tudo começou sem melanina...? As morais negras, as morais indígenas...”

Tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros, a professora Terezinha Azerêdo Rios. Terezinha é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Filosofia da Educação pela USP. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP.

Passo a palavra a ela para a apresentação do nosso convidado e para o início de nossa conversa.

## terezinha azerêdo rios

### Múltiplas morais e uma ética.

Quero fazer recurso a uma fala de Guimarães Rosa para dizer da nossa intenção neste projeto. Ele dizia que “a cabeça da gente é uma só e as coisas que há e que estão para ver são demais de muitas, muito maiores, diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total”. Por que precisamos de aumentar a cabeça? Porque o mundo é do tamanho do conhecimento que a gente tem dele. É pequeno o mundo quando o saber é pequeno, quando o conhecimento é pequeno. É com essa intenção que trazemos esta proposta.

E como podemos aumentar o saber? Partilhando esse saber. Trabalhando com diferentes concepções, com os olhares múltiplos que temos sobre o mundo. É nessa direção que encaminhamos nossa proposta de conversa. Conversa sobre temas extremamente importantes, sobretudo nestes momentos pandêmicos, tanto na saúde quanto na política: os temas são ética e moral.

Para começar a conversa com Renato Noguera, vou trazer uma referência que aqueles que têm se encontrado comigo para falar sobre esses temas já conhecem de longa data. É a afirmação de um professor de ética, um filósofo espanhol, Fernando Savater, cuja obra recomendo. Ele tem muitos dos seus trabalhos publicados no Brasil e um deles se chama *Ética para meu filho*. Nesse livro, está essa afirmação que vou buscar para este começo de conversa. Savater diz: “Toda ética digna desse nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica”.

Isso significa dizer que falar em ética implica falar em vida, não em uma vida qualquer, mas numa vida digna, numa vida rica, numa vida boa. Uma vida boa para todos, é importante assinalar. Então, é fundamental para nós trabalhar os conceitos. Por isso mesmo, é importante também esclarecermos de que se está falando, quando fala-

mos em ética. Falei em vida, mas, o que será isso? Falei em ética. Tanto se fala em ética. Por isso mesmo é importante explicitarmos de que modo nos apropriamos desses conceitos, de que maneira usamos esses conceitos.

Com isso, vou antecipando algo que Renato Nogueira explorará conosco. Por que definir os conceitos? Para que não haja desentendimentos. Queremos dialogar com as diferenças, mas também queremos caminhar num sentido de entendimento. E aí, quem me ajuda agora a trazer algo é Jacques Rancière, um pensador francês, no seu livro que se chama exatamente *O desentendimento*. Ali, Rancière diz o seguinte: “O desentendimento existe não quando eu digo branco e você diz preto; ele existe quando eu digo branco e você diz branco, mas o que eu chamo de branco não é o que você chama de branco”.

Percebem? É isso aí. Usamos os conceitos, usamos as palavras, os termos, como se déssemos para todos o mesmo significado. Democracia, cidadania, justiça. Será que o que eu chamo de justiça é o que

alguns magistrados chamam de justiça? Será que o que eu chamo de democracia é o que o presidente do Brasil chama de democracia? Está aí a necessidade de explicitarmos. Vamos nos relacionar com os nossos convidados provavelmente com concepções diferentes, tanto em relação à moral quanto em relação à ética. Por isso queremos deixar claro desde o início o que entendemos por ética e moral.

Conceituamos moral como o conjunto das prescrições que orientam a vida das pessoas na sociedade. Comportamo-nos moralmente, seguindo regras, seguindo normas que são definidas de maneira diferente nas diversas sociedades e nos diversos tempos.

A ética, para nós, é aquele espaço de reflexão sobre a moralidade. É aqui que utilizamos o questionamento, a pergunta. Por isso podemos falar em múltiplas morais e temos a pretensão de uma ética que, a partir de seus postulados, poderia estar fundamentando as moralidades.

Muitas morais. Por isso fazemos as provocações. Será que a moral é

ocidental? Será que ela nasceu na Grécia? Hoje, com a ajuda de Renato Nogueira, vamos refletir: Será a moral é branca? Será que as coisas começaram sem a melanina? (Mais para a frente, volto a falar sobre isso, por conta da história da melanina.) Será que a moral começou masculina etc.?

No texto anterior, já tratamos disso. O professor Renato Janine Ribeiro escolheu um atalho para abordar a questão da origem da moral e da ética. Ele nos ajudou a pensar sobre a aproximação de moral e religião. Também perguntou: o que será que leva os sujeitos a agir moralmente? Será medo, será a consciência de que algo é correto? E deixou uma pergunta que nos preocupou: será que estamos vivendo um tempo de desistência da ética? Porém, como Renato Janine não chegou a responder à sua pergunta, deixamos aberta a ideia que ele acenou. Acredito que essa e outras perguntas nos trazem a possibilidade de uma ação coletiva para a criação de um futuro melhor.

Seguimos adiante. Ainda na perspectiva de uma provocação, traze-

mos o professor Renato Nogueira para responder às perguntas: “Será que a moral é branca? Será que tudo começou sem melanina?”

Renato Nogueira é doutor em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ; é ensaísta, roteirista, dramaturgo e professor associado do Departamento de Educação e Sociedade no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares do Programa de Pós-graduação em Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas e coordenador do Grupo de Pesquisa “Afroperspectivas, saberes e infância”. É autor de diversas obras, entre elas: *Ensino de filosofia e a Lei 10.639*, *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher* e *Como amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*.

Conversando com Renato, comentei que estava curiosa também com uma de suas obras que se enquadra

na literatura infantil: *Nana e o Nilo*. (Costumamos problematizar o conceito de literatura infantil, porque a boa literatura deve ser para todos.). Renato Nogueira vai nos falar sobre isso.

Antes, porém, quero fazer uma ressalva em relação à melanina. Temos uma ideia de que a melanina é o pigmento que determina a cor da pele. E que quanto mais melanina, mais escura a pele. Recomendo um vídeo, uma *live* do pesquisador Átila Iamarino.

### [O QUE A COR DA SUA PELE E CABELO DIZ SOBRE VOCÊ?](#)

Átila Iamarino

Aí, ele aborda exatamente essa questão. Diz que a melanina é um pigmento presente na pele de todo ser humano, composto de dois elementos: a eumelanina, que dá a cor mais negra, e a feomelanina, responsável pelos dourados, os acinzentados etc. Assim a pergunta deve ser: “Tudo começou sem melanina e se ela é geradora de algo como o preconceito, discriminação etc.?”

Vamos então ouvir Renato Nogueira. Obrigada por aceitar o nosso convite. Estamos muito felizes por tê-lo aqui e tenho certeza de que a sua contribuição vai ajudar a gente a aumentar a nossa cabeça. Bem-vindo e obrigada.

2

renato  
noguera



[...] o primeiro local que temos notícia de que aparece filosofia é no Egito antigo, no Kemet, que tem uma expressão que é “Rekhet” – em egípcio antigo, língua kemética e que quer dizer justamente “filosofia” e tem alguns autores como Ptahotep (vizir durante a quinta dinastia do Egito, no final do século XXV a.C. e início do século XXIV a.C.) e Amenemope (escriba e sábio que viveu no Egito nos séculos XII e XI a.C., autor da Instrução de Amenemope, um texto de sabedoria egípcia), que estão pensando, estão escrevendo dois mil anos, três mil anos antes de Cristo, ou seja, bem antes dos gregos.

renato noguera

## Quem estabeleceu os princípios morais e os princípios éticos?

Boa noite! Eu quero saudar todas as pessoas que estão participando conosco, Fernando, Terezinha, nossa apresentadora, Sabrina, todas as pessoas que integram também o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. Terezinha, que é responsável por essa articulação, por nos trazer aqui. Então, muito obrigado por este convite, por esta oportunidade de a gente conversar.

Falávamos de uma conversação, bater um papo em torno de um tema tão necessário, tão urgente que é falar de moral e de ética. Eu vou seguindo as provocações que a Terezinha fez. Vamos conversar. Não tem *power point*, *slide*, isso é importante, não tem. Vamos pensar um pouquinho e bater um papo a respeito desse tema. A pergunta está dentro de um contexto que é: “moralidade, amoralidade, imoralidade – conversa sobre ética”.

No tópico de hoje, temos duas perguntas: “A moral é branca?

Tudo começou sem melanina” ou se tudo começou sem os não brancos? São os povos originários negros, indígenas? Essas são questões importantes.

Será que existe uma prerrogativa de que o ocidente, eu estou entendendo o ocidente como um complexo cultural, o ocidente é que determinou, estabeleceu os princípios morais e os princípios éticos? Então, o que eu chamo de cultura ocidental, só para ficar bem explícito, eu estou aqui considerando que o ocidente é um complexo cultural, é um modelo que envolve tradição judaico-cristã, monoteísmo judaico-cristão, que envolve a filosofia grega na sua separação de sujeito-objeto, envolve o direito romano, que envolve a tradição iluminista naquilo que vai ser na Revolução Francesa, a forma de organizar o estado e que, do ponto de vista da produção de mercadoria, envolve aquilo que a revolução industrial trouxe: o mercado ativo, que pro-



duz mercadoria e está sempre fazendo novas mercadorias. Então, isso é o que eu estou a chamar e denominar de ocidente e que tem uma raiz dentro de uma ordem europeia. Ele tem uma determinação originada no contexto europeu.

Será que o ocidente é responsável por isso? Dessa pergunta, existe um só começo, ou vários começos, ou diferentes começos? E a pergunta que queremos fazer, trazer para esta roda de conversa, aqueles que talvez falem muito menos quando se trata de filosofia, quando se fala de ética, de filosofia. Aqueles autores, aquelas autoras, as autorias africanas da diáspora africana, os povos indígenas, eles falam muito menos, aparecem com menos frequência.

Os manuais de filosofia sempre comecem com o surgimento do pensamento filosófico na Grécia antiga. Tem até data e local de nascimento. Um berço foi ali montado: Grécia, por volta do Século VI a.C. E as dúvidas são: se foi Tales de Mileto, ou Sócrates, ou Platão. As dúvidas param geralmente por aí. Eu estou partindo de um pressuposto da

filosofia e considerando a ética uma área da filosofia. A ética é uma área da filosofia que investiga a moralidade, analisa a moral, estabelece os princípios, vai tentar pensar a respeito da moral, das moralidades, estabelecer o que é moral e o que não é moral.

Vamos fazer um exercício crítico filosófico. Estou entendendo filosofia como um saber que não surgiu num lugar especificamente no mundo, mas um saber que já existia na antiguidade, em várias regiões do planeta. E que, no meu entendimento e nos meus estudos, o primeiro local que temos notícia de que aparece filosofia é no Egito antigo, no Kemet, que tem uma expressão que é “Rekhet” – em egípcio antigo, língua kemética e que quer dizer justamente “filosofia” e tem alguns autores como Ptahotep (vizir durante a quinta dinastia do Egito, no final do século XXV a.C. e início do século XXIV a.C.) e Amenemope (escritor e sábio que viveu no Egito nos séculos XII e XI a.C., autor da *Instrução de Amenemope*, um texto de sabedoria egípcia), que estão pensando, estão escrevendo dois mil anos, três mil anos antes

de Cristo, ou seja, bem antes dos gregos. Então, estou me reportando a esse cenário que é uma das hipóteses menos frequentada no campo da filosofia. A minha contribuição é trazer essa hipótese menos frequentada.

Trato dela no livro *Ensino de filosofia e a Lei 10.639*. Falo como professor de filosofia. Quero partir de um pressuposto, quero partir de três autores que conversam muito comigo: Cheikh Diop, Pierre Clastres e Jared Diamond. Eles têm alguma coisa em comum quando falam de moral e ética. Eles e eu falamos de pensamento filosófico africano, pensamento filosófico dos povos originais, aqui da América, povos indígenas. Vou trazer outros pensadores.

Podemos falar em África para além do continente. Há algo em comum nas culturas dos povos africanos e dos povos originários na América, assim como no mundo euroasiático. A partir de Cheikh Diop, podemos pensar nessa perspectiva sem romantização e sem idealização. Mas há elemento comum no continente africano e entre os povos

africanos, são centenas de povos diferentes, assim como na América. Do mesmo modo, na Europa e na Ásia. Falamos de muitos povos distintos, mas há elementos em comum. Assim como há elementos em comum na modernidade, na Idade Média, entre os franceses, gauleses, alemães, germânicos. Há coisas em comum na atmosfera do pensamento. O que há em comum nesses povos africanos e indígenas é o que nos interessa para falarmos de moral e para debatermos ética.

O que há em comum nos continentes africano e americano? Existe um grau de xenofilia bastante significativo. Esses povos tendem a ser bem xenófilos. Essa xenofilia produziria então uma moralidade distinta daquela própria dos povos envolvidos de modo mais frequente na lógica da escassez. Pois bem, há um elemento interessante para a gente pensar nas culturas africanas que é a xenofilia, uma espécie de amizade com o estrangeiro. Há outra coisa que é da ordem do modo de estabelecer as fronteiras: num contexto xenófilo, elas são estabelecidas como pontos de encontro em vez de barreiras.

## ÁGUA, TERRA, AR E FOGO COMO AFETOS.

Tem uma cena num filme sobre a qual gosto muito de pensar, uma das cenas de *2001: uma odisseia no espaço*, do Stanley Kubrick. Logo no início, é mostrado o momento em que dois grupos humanos se encontram. Eles estão disputando água potável. Há um lago com pouquinha água e eles não dividem essa água, vão brigar por essa água. Um dos chefes de um grupo pega um osso, um pedaço de fêmur de um animal, e golpeia o outro líder. E esse líder morre e o seu grupo debanda. Aquele grupo que venceu toma a água. Aqui há uma hegemonia sobre o território, uma disputa por alguma coisa. Existe então uma moral. Uma moral é um conjunto de costumes, de valores, de nossas ações. Ali seria disputar o espaço. Disputa do espaço, porque o recurso é escasso. Num modelo da escassez, é necessário estabelecer um certo conflito, às vezes, de vida ou morte. E a moralidade acabaria se erguendo em torno disto.

Isso é uma hipótese bem interessante. E quero pensar num outro

caminho que é a partir de outras leituras. Quero pensar leituras de conteúdo africano, como já falei, e há alguns autores que me interessam, que contribuem para pensarmos nessa ética que quero trabalhar aqui. Falo de Orunmilá, que é um autor comentado por uma livre pensadora brasileira que é Mãe Stella de Oxóssi.

Orunmilá foi um pensador que viveu por volta dos séculos V e IV a.C., no oeste da África. Ele fala dos afetos para falar de moral. Tratava os elementos como se fossem afetos. É uma interpretação bem interessante. Há uma filósofa nigeriana contemporânea, Sophie Oluwole (1935-2018), que fala de Orunmilá no seu livro de 2014, *Sócrates and Orúnmilà: Two Patron Saints of Classical Philosophy*.

Então, podemos falar de quatro elementos: água, terra, ar e fogo. Esses elementos se comportam como afetos. Da arte dos encontros dos afetos é que a gente produz a moral, produz o equilíbrio ou o desequilíbrio. Orunmilá se ocupa da moralidade, se ocupa da ética. E a ética de Orunmilá tem uma tese,

tem relação direta com uma tese que é comum em outros lugares da filosofia, tem relação com o auto-conhecimento, tem relação com a capacidade que nós temos de saber quem somos, porque sabendo quem somos, temos condição de, na arte do encontro com os outros, possa existir um encontro mais interessante, um encontro mais satisfatório.

Então vamos falar em moral, falar em moralidade, mas uma moral não sendo branca. Essa é a provocação que Terezinha propõe. Pensar uma moral dentro de um contexto africano, contexto iorubá. Ela tem algumas coisas semelhantes com outras moralidades.

Vou contar uma história sobre essa moral. Vou falar da moral nas culturas iorubá e zulu, do continente africano; vou falar da cultura guarani, aqui no continente americano, povo originário. Vou falar da cultura guarani, vou falar de Sandra Benites, que é uma antropóloga guarani; e vou trazer dos Krenak, Ailton Krenak. Estou norteado por essas pensadoras e esses pensadores. Que eles estimulem nossa conversa.

Ailton Krenak e Sandra Benites são indígenas e pensadores. Temos também pensadores africanos: Orunmilá, iorubá; Mogobe Ramose, sul-africano; Oyeronke Oyewumi, também iorubá. Esses pensadores e pensadoras têm uma questão moral para nós refletirmos sobre ela. Eu acho importante porque é da ordem das relações, uma moral que trata das relações. Há um evento muito interessante de caráter antropológico que acontece em culturas diferentes, acontece tanto entre os guaranis quanto entre os ndebele, na África do Sul, e entre os zulus. Um ritual muito interessante que diz muito sobre a moralidade desses povos.

Entre os guaranis, aprendi isso com minha professora Sandra Benites, quando o menino começa a engrossar a voz, passa por um ritual. Também aprendi nos encontros de estudos africanos que, entre os zulus e os ndebeles, por exemplo, há um ritual semelhante quando os meninos começam a ter pelos no rosto, começam a ter barba.

Nas cosmologias guarani, zulu e ndebele, os homens têm sangue

quentes e as mulheres têm sangue frio. Isso implica a necessidade de se estabelecerem regras para que as moralidades funcionem na comunidade. Como as mulheres têm sangue frio, elas são equilibradas, são mais racionais. Como os homens têm sangue quente, são uma panela de pressão, podem explodir a qualquer momento. Nesse sentido, é importante que eles passem por um ritual que varia de acordo com a cultura.

Na cultura guarani, é necessário que tenha um rio nesse local, porque é fundamental ter um rio passando, porque é na relação com o rio que se estabelece um novo equilíbrio afetivo para que esse menino faça a sua prática. E no povo zulu, é necessário que tenha um bosque para ele fazer o ritual. O que importa é que, nesses dois casos, o que está em jogo é que é necessário se estabelecer uma relação com esse menino para que, quando se torne homem, ele consiga, ele seja capaz de se manter em equilíbrio afetivo, seja capaz de expelir os afetos pelos olhos, seja capaz de chorar. Enquanto não for capaz de chorar, não tiver essa con-

duto moral, a relação que ele pode estabelecer com outras pessoas da comunidade pode ser uma relação violenta.

O que chama atenção, quero pensar isso sem nenhuma idealização, sem nenhuma romantização, mas como um conjunto de práticas culturais, localizadas dentro de um certo momento. Outros rituais acontecem em outras culturas. Nessas culturas, não temos casos de ataques em massa, nem casos de feminicídio. Isso significa que existe uma prática cultural que leva a uma moralidade que produz uma relação de afeto e cuidado. Uma relação de afeto e cuidado que impede determinados costumes e práticas violentos.

Hoje é 17 de junho de 2021. Desde primeiro de janeiro até hoje, tivemos 281 ataques em massa nos Estados Unidos. E esses ataques em massa foram protagonizados por homens e por jovens, a maior parte deles entre 15 e 29 anos. Isso quer dizer alguma coisa, quer dizer que, de alguma maneira, há uma moralidade que produz uma *performance* de masculinidade, uma forma

de se relacionar com o mundo que tem muito a ver com aquelas cenas do filme, que é a hegemonia, que é possuir alguma coisa, que é controlar, hegemônizar um território. Isso significa que existe uma prática de disputa, de combate. Não significa que nas culturas guarani e zulu não haja disputa. Mas ela é de outra ordem.

#### COMPARTILHAR O DESTINO QUANDO SE VIVE EM COMUNIDADE

Existe uma frase muito interessante: “*Funtummireku-Denkyemmireku, wonafuru bom, nso wodidi a na wo pere so*”, da escrita adinkra, conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios. O adinkra, dos povos akã da África ocidental (notadamente os asante de Gana), é um entre vários sistemas de escrita africanos.

No mundo adinkra, essa expressão - “*Funtummireku-Denkyemmireku, wonafuru bom, nso wodidi a na wo pere so*” - quer dizer mais ou menos o seguinte: “ainda que se dispute a comida por ter duas cabeças, só tem um estômago”. Significa que a gente compartilha o destino, quan-

do vivemos em comunidade. Significa que a gente precisa ter uma relação de cooperação com o outro, e mais, uma relação colaborativa, para que a gente possa ter um convívio com o outro. Ou seja, a lógica da moral não se dá por uma disputa, por uma guerra que permitiria que os escolhidos, pela sua força, pela sua capacidade, pela sua destreza, seu tipo de seleção natural, cultural, herdem o reino prometido, uma terra prometida.

Mas qual moral aposta em outra possibilidade? E o que está em jogo nesse caso de horizontes africanos e dos povos originários da América? Nessa moralidade, moral não branca, não ocidental, aquilo que vou chamar de ocidente enquanto um complexo cultural. Nas perspectivas africanas e dos povos originários, o que eles têm de semelhante? É que eles não se apoiam numa moral que está pautada pela ideologia de uma tribo eleita. É isso justamente o que constitui o ocidente. Neste nosso bate papo, localizamos as bases do ocidente numa interpretação abraâmica, hegemônica do monoteísmo, articulada com uma tradição filosófica

grega que separa sujeito e objeto.

Nesse contexto ocidental, de alguma forma, alguns podem ser objetificados, alguns podem ser sujeitos, e entre aqueles que podem ser sujeitos, alguns são capazes de, em algum momento, herdar o reino dos céus. É a herança do reino dos céus com a moral religiosa. Ela acaba sendo hipostasiada, ela acaba sendo interpretada no mundo das relações políticas e econômicas como sendo capaz de herdar o paraíso do consumo, capaz de herdar o paraíso da meritocracia. Há uma moral meritocrática que está instalada por aqueles que trabalham e merecem ter isso.

Uma diferença interessante entre culturas africanas, eu estou falando dos orumbás, por exemplo, dos zulus, dos ndebeles, dos suaílis, dos xhosa, dos guaranis aqui no Brasil, dos krenak, dos munduruku, que são pessoas com as quais já tive contato, grupos com os quais já tive o contato, já conversei. Ali, os sujeitos objetos são modificados. Por exemplo, os zulus. A gente encontra três tipos de sujeitos, três tipos de pessoas para pensar a moral.

Enquanto em uma moral kantiana, moral aristotélica, que são éticas tradicionais da filosofia ocidental. Aristóteles e Kant, por exemplo, estão se referindo ao sujeito de conhecimento, ao sujeito moral para falar de ética. E esse sujeito moral tem uma especificidade que fica muito alargado no mundo zulu.

Mogobe Ramose trabalha com isso. Qual o alargamento que se dá? Mogobe Ramose fala que há três tipos de pessoas: pessoas como nós, que estão vivas e aqui presentes; a ancestralidade; e as pessoas que virão, “a futuridade”. Pessoas que são do campo da futuridade, da ancestralidade, pessoas do presente: esses três tipos de pessoas têm que dialogar para a gente possa pensar a moral e a ética. São esses três tipos.

A ética não diz respeito só ao presente ou a um futuro possível, mas a futuridade entra no jogo, entra no debate. Como isso acontece? O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, num trabalho sobre etnologia da Amazônia, traz uma coisa interessante, que é o perspectivismo ameríndio. No perspectivismo ameríndio, que aparece muito nos povos

da Amazônia, inclusive nos ianomâmis. Existe uma diferença muito interessante, que é: todos são pessoas e algumas pessoas se vestem de bicho. Mas todos são humanos, radicalmente humanos, mas alguns humanos são onças, alguns humanos são coelhos, alguns humanos são tatus, alguns humanos são pessoas humanas. Isso faz uma diferença substancial que é da ordem da relação com as coisas. É por essa razão que o Aílton Krenak pode chamar o rio Doce de Watu e dizer que o rio Doce é avô dele. Porque a relação moral com o rio Doce é uma relação entre pessoas. Por essa razão, o rio Doce nunca pode ser mudado de curso.

A moral ocidental e a ética ocidental permitiram que a cidade de São Paulo mudasse o curso do rio Tietê. A mudança do curso do rio se pauta em um princípio moral de que os rios não são pessoas. O que significa isso? Se mudar o sujeito, os rios não têm desejo e interesse. O que é diferente numa moralidade krenak, numa moral munduruku, numa moral guarani. Aqui, bem grosso modo, temos que entrar em cada uma dessas culturas com muito

cuidado. Mas a gente pode aqui estar trazendo seus aspectos mais importantes: é que o rio é uma pessoa, por isso que alguns povos africanos também chamam as montanhas de pessoas, chamam as montanhas pelo nome, eles conversam com as montanhas, conversam com as árvores e conversam com os bichos. Longe de uma fantasia, fantasia delirante, o que está em jogo é que é necessário, numa relação moral, escutar os desejos e interesse de todos os sujeitos envolvidos. E considerar uma moral que não opera com a ideia de objeto, mas na qual todos são sujeitos. A impossibilidade de objetificação leva a uma impossibilidade de instrumentalizar as pessoas e instrumentalizar a natureza.

Existiria uma possibilidade na moral ocidental (a provocação que a Terezinha trouxe muito bem, da moral branca) de instrumentalizar a natureza, de instrumentalizar, de objetificar as coisas naturais. Essa objetificação passaria por uma noção de tornar as coisas nossa propriedade.

Uma moral ancorada numa relação



de interdependência

Outra coisa que tenho aprendido, a partir de um bate-papo que tive com Geni Nunes, sobre amor e relacionamento. Há uma coisa interessante que ela diz: na cultura guarani, não faz muito sentido dizer meu marido, minha esposa, meu filho, minha terra, mas sim, eu sou da terra. Isso é muito interessante porque significa que somos apenas usufrutuários, mas não temos posse de alguma coisa. Isso tem relação direta com uma moralidade que se ancora numa não divisão entre sujeitos e objetos. Isso é fundamental. Se não tem sujeito e objeto, não existe possibilidade de instrumentalizar, não existe possibilidade de escravização, destituindo o outro da sua humanidade.

Isso não significa que os povos originários são bons, que os povos africanos são bons e que povos europeus são malvados. Não se trata de anjos e demônios, se trata de pessoas, se trata de uma moral que foi ancorada num mito originário de disputa, onde o prêmio é para poucos. Está sustentada numa noção de competição, de que com-

petir significa privilégios para o mais habilidoso, aquele que seria naturalmente selecionado. Numa perspectiva religiosa, aquele que é beneficiado com a graça divina para ser membro da tribo eleita e pode herdar o paraíso.

Em algumas culturas africanas, uma boa parte dessas que eu tenho estudado, cultura dos povos originários, há lugar para todo mundo. E a moral se ancora numa relação de interdependência. A interdependência é um conceito importantíssimo quando se fala de ética. Falar de ética é falar de interdependência, uma ética da interdependência, ou seja, todos são importantes e todos dependem uns dos outros. Não existe o dono e o não dono, não existe o senhor e não existe o servo escravizado. Se em algum momento a ética mercantilista permitiu que pessoas fossem transformadas em mercadoria e, ao mesmo tempo, a gente passasse a viver uma contradição radical, na qual a moral religiosa dissesse que é preciso amar a todos, como a si mesmo. Mas que alguns eram mais amados do que outros. Isso é uma moral abraâmica, na sua expres-

são cristã. Ou seja, há uma tensão e um paradoxo nessa moral religiosa. Amar ao próximo como a si mesmo e amar o seu inimigo, mas, de alguma forma, o que se faz nas relações políticas é estabelecer mais rivais, mais inimigos, mais adversários, porque, no fundo, existe uma lógica de que o reino dos céus só pode ser dado a poucos. De alguma maneira, o que está hipostasiado, metaforizado no mundo da ética, da moral, da política é o princípio de que o joio vai ser separado do trigo e não há espaço para todos, nem todos podem ocupar o pódio. Essa é uma lógica de competição.

Quem viu, em 2015, os jogos olímpicos dos povos indígenas, dos povos originários, deve ter reparado que sempre tinha empate. Sempre tinha empate e tinha medalha para todo mundo. Procurem os Jogos Olímpicos dos Povos Indígenas de 2015. Havia muitos povos indígenas jogando, mas, mesmo que alguém ganhasse, todo o mundo ganhava medalha. Isso está presente em algumas culturas africanas, quando a gente fala no conceito de competição.

O conceito de competição descrito por Mogobe Ramose não significa que o mais hábil, mais habilidoso grupo ou pessoa é o que chega primeiro ou o que faz mais pontos. Aqui, competição significa capacidade que as pessoas têm, de modo colaborativo, de encontrar uma saída dentro daquelas circunstâncias específicas, para resolver um problema que é de todo mundo. Competir é resolver um problema que é de todos, da melhor maneira possível, para todos, porque conviver com o outro é fundamental. É necessário o convívio com o outro.

A gente percebe a ética ubuntu, por exemplo, na ação de Néelson Mandela, quando ele se tornou presidente da África do Sul. Um grupo do Conselho Nacional Africano queria mandar embora os eurodescendentes. Mandela não permitiu. Ele trouxe a ética ubuntu para dizer: “ninguém vai embora; a gente não precisa perdoar ninguém, não precisa punir ninguém, dessa forma a gente compensa as relações, a gente organiza as coisas; e aí os brancos vão pagar mais impostos, a gente vai fazer alguma ação aqui; mas a gente convive com o outro,

porque todos são importantes, todos fazem parte deste momento”.

Ele comprou um debate muito intenso para garantir a não expulsão dos eurodescendentes, da população branca, que historicamente era responsável por uma brutal desigualdade. Pautado numa ética de que não somos todos iguais, somos diferentes, não amamos a todos da mesma maneira, nem com a mesma intensidade. Mas temos um desafio, que é o desafio vital de todo o sistema ético, que é viver junto. E se precisamos viver juntos, temos que encontrar um caminho para isso e o caminho é: quais são as habilidades que vocês têm, o que vocês podem oferecer para esta comunidade, para nosso convívio? Esse é o grande desafio. Então, Nelson Mandela, com a ética ubuntu, traz isso à tona e vai procurar produzir políticas a partir dessa noção.

Não precisamos ir muito longe. Isso estava presente no governo de Evo Morales, da Bolívia. Ele incluiu esse conceito na constituição, que

se tornou uma constituição baseada numa ética de povos originários para que isso pudesse ser revisto. As heranças incas, astecas e maias foram de alguma forma incluídas, e dialogavam ali nesse espectro de ontologia para pensar a moralidade. O que estava em jogo? Era preciso estabelecer qual a diferença fundamental da pergunta sobre ética branca e ética não branca? A ética que é um exercício crítico da moral deve se basear em moralidades que levam em consideração todos os seres, todos os terráqueos. Não leva em consideração só os humanos ou alguns humanos. Todos têm que entrar no debate, ou seja, precisamos descoisificar os seres que foram instrumentalizados para que isso possa funcionar.

Exemplifico. Falo isso num documentário de que tive a chance de participar, que está na Netflix: *Crianças e natureza. O começo da vida 2. Lá fora*<sup>1</sup>.

Comentei uma pesquisa que encontrei em 2010, um estudo muito

---

<sup>1</sup> “O COMEÇO DA VIDA”

Trailer: <https://ocomecodavida2.com.br>

Filme: <https://ocomecodavida.com.br>

interessante, sobre crianças. Nesse estudo, aparecia uma criança herero. Os herero são um povo bantu que vive em aldeias, são tradicionalmente pastoris, que habita a Namíbia, o Botsuana e Angola. É um povo que opera muito próximo do universo bakongo, mas tem sua própria lógica, que é herero, muito interessante. O filme tem crianças ianomâmis, que estão na Amazônia. Tem crianças de Tóquio, crianças de São Paulo, crianças de bairros de classe alta, crianças das periferias paulistas; crianças de Oklahoma. Crianças com cinco, seis anos. Pedia-se que elas desenhasssem três coisas que simbolizassem a natureza. As crianças urbanas, muitas vezes, desenhavam um sol, uma lua, um bicho, um pássaro, uma árvore. As crianças herero e as ianomâmis desenharam a mão, o pé, ou a si mesmas, ou as suas famílias. Isso mostra uma diferença do ponto de vista da ontologia que vai sustentar uma moralidade que se relaciona de maneira diferente com os seres naturais. Então, talvez, seja isso o mais interessante

O que é interessante nisso? É que numa moral dos povos originários,

moral ameríndia, não faria sentido mudar o fluxo e as fronteiras da cidade de São Paulo, construir São Paulo mudando o curso do rio Tietê. Isso seria improvável. E olha que tem enchente em São Paulo. Às vezes, o rio enche, porque mudaram seu curso, soterraram pontes. Nunca os krenak fariam isso, porque os krenak chamam o rio de avô. Os rios são seus avôs, os rios são seus ancestrais, eles conversam com o rio. O que, longe de um devaneio, tem a ver com uma capacidade de escutar os impactos que isso faz na vida de todos.

O que me parece muito interessante, e quero pensar sem fantasia, sem idealização, porque não se trata de um mundo de paz, mas se trata de um mundo em que o conflito é assumido. Mas o conflito não se transforma em guerra; o conflito se transforma numa equação dos afetos que vai dizer que não podemos amar a todos da mesma maneira, porque o amor é muita energia e talvez não sejamos capazes de gastar tanta energia com todo o mundo. Numa interpretação hegemônica da expressão abraâmica do cristianismo, a gente vai amar na

medida do possível e vai respeitar todos os esforços, até os impossíveis, e respeitar, entendendo o respeito como a possibilidade de olhar para trás e olhar para o futuro. Olhar para trás, para poder ser capaz de olhar para o futuro. Talvez seja esse o desafio fundamental.

**NA COSMOVISÃO  
AFROPINDORÂMICA, A MORALIDADE  
É DA ORDEM DO CÍRCULO.**

Existe um autor que me inspira profundamente, que é um dos meus mestres, dos meus mentores: Antônio Bispo dos Santos, o “Nego Bispo”. Para mim, ele é um dos maiores filósofos brasileiros contemporâneos e um dos grandes pensadores que estão ao lado do intelectual do ano, que é Ailton Krenak. Ele vai falar numa cosmovisão afropindorâmica. Essa é uma expressão conceitual que ele usa. Cosmovisão afropindorâmica, para falar dos pindorâmicos. É assim como ele denomina os povos indígenas, nossos irmãos indígenas, nossos parceiros indígenas, para falar de uma circularidade, uma relação que se dá no círculo e não nas linhas retas.

O que isso significa? Que podemos falar da moral da linha reta e da moral do círculo. Vamos falar de ética e moral, ética como exercício crítico filosófico da moral e moral como um conjunto de valores que organiza a nossa vida. O que ele diz? Que na cosmovisão afropindorâmica, a moralidade é da ordem do círculo. A ordem do círculo é diferente da ordem da linha. Todos podem entrar na roda, por exemplo, na roda de jongo. Você pode não ser jongueiro ou jongueira. Mas você pode entrar na roda de jongo, ou na roda de capoeira, mesmo que você não jogue capoeira, vai ser a primeira vez, você pode entrar nessa roda.

É óbvio que num jogo de futebol, entra nas quatro linhas quem está convocado, quem está selecionado. Há uma diferença na estrutura da roda de samba, da capoeira, do candomblé. As rodas têm uma dinâmica que não é uma dinâmica da hierarquia, das relações sociais e políticas, mas é uma dinâmica do compartilhamento. Enquanto na lógica da linha, o que está em jogo é a troca. A gente troca uma coisa pela outra.

Acho que a Terezinha gosta muito dessa discussão, acho que é um debate interessante, o compartilhar de uma outra natureza. Então, existe o círculo, o círculo não tem juiz, não tem réu. O círculo tem responsabilidade, não tem uma culpa, uma dívida radical que nunca pode ser paga. Estou falando de cultura ocidental, essa hipótese fundamental, uma moralidade atrelada ao capitalismo, atrelada a uma interpretação específica do mundo abraâmico. Cultura abraâmica. Estou falando dos três monoteísmos: islamismo, cristianismo e judaísmo. Eles têm alguma coisa em comum que é uma dívida quase impagável, uma dívida impagável na verdade, porque tem o pecado original. E como pecado original, ele é então remodelado, ressignificado. Mas continua existindo.

No contexto da cultura ocidental, por uma dívida impagável, a sociedade capitalista faz com que sejamos eternamente devedores. O que está em jogo na moral dos povos africanos, de alguns que eu comentei aqui, dos povos indígenas, é que não tem dívida a ser paga, mas tem uma dádiva acachapante, incandes-

cente da vida que merece celebração. E a celebração se dá inclusive no conflito, porque o conflito é impossível de ser eliminado, mas o conflito é uma forma de encontrar o outro. Porque é uma forma de compreender que na discordância com o outro, a gente pode aprender um princípio adinkra fundamental. Que princípio é esse? Vou falar novamente: “*Funtummireku-Denkyemmireku, wonafuru bom, nso wodidi a na wo pere so*”.

Eu interpreto como um dos princípios morais por excelência que estão na cultura da África do Oeste, do oeste africano, da África Ocidental, onde está parte da minha ancestralidade, no oeste africano. A minha cultura, a minha formação aconteceu com o meu avô, meu avô materno, que me deu parte da minha formação, durante vinte e um anos. É uma formação de África do oeste, boa parte dela. Eu sou guerruá, minha família ancestral.

Vamos à tradução: “ainda que se dispute a comida por ter duas cabeças, só tem um estômago”

Esse é o símbolo da unidade na

diversidade, uma advertência contra as brigas internas quando existe um só destino em comum. E quando a gente alarga a visão, o destino de todo o planeta é um destino comum. Talvez por isso, mais do que brigar pela comida, a gente tem que compartilhar e descobrir qual é o desejo, qual é a necessidade, de que sabores precisamos para que possamos fazer aquilo que é mais desafiador e muito necessário: descobrir, encontrar uma moral que nos permita respeitar o outro e não encontrar o outro como rival. Encontrar o outro não como aquele que podemos amar incondicionalmente, porque o amor incondicional é um perigo terrível, mas encontrar aquela pessoa, os outros, a comunidade. Para que possamos encontrar para fazer o que é de mais importante para cada um de nós, conviver e descobrir um pouco mais sobre nós mesmos.

Talvez seja esse um dos princípios fundamentais dessas tradições que eu estou trazendo aqui, com a ajuda de alguns pensadores como Ailton Krenak, Nego Bispo, Sandra Benitez, Mogobe Ramose, Iorumkelumi. Esses pensadores e

pensadoras eu quero trazer aqui para gente pensar outra moral. Os pensadores originários ocidentais mais famosos – Platão, Aristóteles, Sócrates – todo mundo já ouviu falar. Por isso, trago aqueles menos conhecidos, incluindo Amenemope.

Amenemope é o autor da *Instrução de Amenemope*, um texto de sabedoria egípcia. Ele é considerado um escriba e sábio que viveu no Egito durante a 20ª Dinastia do Novo Reino. A *Instrução de Amenemope* ou *Sabedoria de Amenemope* é uma obra literária escrita no antigo Egito, muito provavelmente durante um dos períodos mais pujantes do Kemet (aproximadamente 1300-1075 a.C.). Contém trinta capítulos de conselhos para uma vida bem-sucedida. É considerado uma das obras-primas da antiga literatura de sabedoria do Oriente Próximo e tem sido de particular interesse para os estudiosos modernos por causa de sua relação com o *Livro dos Provérbios* da Bíblia.

Termino com Amenemope, que é um pensador que muito aquece meu coração. Ele disse algo impor-

tantíssimo na cultura kemética: “O pensamento, as emoções e o caráter habitam o mesmo lugar que é o coração. Pensar é um ato cardíaco”. E compreender o pensamento como ato cardíaco talvez seja a possibilidade de estabelecer uma moral em que o que está em jogo é compreender que os nossos encontros, independentemente de qualquer coisa, são encontros afetivos.

Foi essa minha conversa. Quero conversar, quero pensar um pouco a respeito disso que eu trouxe.

### **TEREZINHA AZEREDO RIOS**

#### **PENSAR É UM ATO CARDÍACO**

Renato, muitíssimo obrigada por essa delicadeza com que você entrou na nossa conversa. Você falou do Nego Bispo e da roda. É isso que temos a pretensão mesmo de fazer aqui. Uma roda de conversa. Uma ciranda. Não aquela roda que aparece na canção: “Senhora dona Sancha, entre dentro desta roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vá-se embora”. De jeito nenhum. Queremos que a pessoa entre na roda e fique. E vamos se-

guir adiante todos, desse jeito que você está trabalhando.

“Pensar é um ato cardíaco”. Vou guardar isso para poder espalhar por aí. Partilhar com mais pessoas porque isso é muito significativo.

Tenho algumas questões, mas acho que todos estão muito curiosos para seguir adiante na conversa com você. Sabrina tem a palavra.

### **SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO**

A Priscila (Priscilla Tesch Spinelli) levantou a mão e o Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula) coloca uma pergunta também: se o professor pode comentar as relações entre ética ubuntu, autoridade e dignidade das pessoas, dos demais seres da natureza?

### **PRISCILLA TESCH SPINELLI**

#### **QUESTIONANDO A CULTURA BRANCA EUROPEIZADA**

Obrigada, obrigada. Quero primeiro agradecer e dizer que é uma honra, estar assistindo e te conhecendo, conversando contigo, Re-



nato. Sou professora de filosofia na UFRGS. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no semestre passado, lemos o seu livro *O Ensino de filosofia e a Lei 10.639*. Foi uma rica experiência a leitura desse livro. A gente está passando por um momento importante, de rever, de questionar, a nossa formação, de questionar essa formação branca, europeizada que nós recebemos. Acho que isso precisamos dizer em alto e bom tom. Que ela é uma monocultura filosófica. O que o Renato nos mostrou aqui é que a nossa cultura humana é muito mais ampla. É muito maior, a gente é muito mais do que fizeram da gente. E a minha pergunta, então, é um pouco nesse sentido. Como é que tu vê (ah! desculpa o meu tu, sou porto-alegrense). Mas como é que tu vê a convivência dessas diferentes propostas éticas, dentro da ideia de pluriversalidade? Como poderia ser uma abordagem sem deixar de estudar textos de ética e moral propostos por europeus? Há propostas ali, há conteúdos a serem aproveitados, mas muitas vezes esses conteúdos excluem justamente coisas importantes. Então, como é que tu enxergas a tua própria pro-

posta de pluriversalidade no ensino de ética e da moral?

### RENATO NOGUERA

Obrigado. Vou iniciar com a Priscila, muito obrigado. Vou pegar também a questão do Anaximandro.

### A COLONIZAÇÃO ALTEROU AS RELAÇÕES HUMANAS ORIGINÁRIAS

Vou começar pela Priscila. Muito obrigado pela leitura. É um livro que fala com os professores de filosofia, um pouco da provocação que originou esta nossa conversa. O fato de a filosofia não ser grega não é uma disputa por hegemonia. Me parece que tem algo subentendido no ocidente que é disputar a hegemonia para ter um vencedor. Tem que ter alguém que vence, alguém que chega e domina o território e talvez seja essa uma questão, um problema. Não estou a dizer que não tem disputa, que não há tensão nos povos africanos, povos indígenas, povos aqui na América. Mas é de outra natureza. Inclusive, que era possível incorporar o outro. Quando chega a colonização, tudo muda. Colonizou, mudou tudo.

Tínhamos outros tipos de relação. O colonizador ocidental parece querer constranger e transformar tudo numa coisa só, num único formato. Esse é o problema. Tem algo que me parece muito curioso que está no mundo ocidental, uma forma que tem a ver com capitalismo, com neoliberalismo, modo de produção, que é a gente precificar a vida. Que é para todos os recantos da vida chegar ao mercado e aí a gente acaba tendo um problema, porque tudo pode ser mercantilizado, até os afetos. Então, a convivência com essas diferenças não é nada fácil. Mas, talvez, seja esse o esforço fundamental: conviver com todas elas, porque todas fazem parte.

O problema é a disputa por hegemonia, é a disputa por uma só soberania. Isso cria muitos embaraços. Cria embaraços, inclusive, da forma como a gente vive, do direito à própria vida. Assinei um documento em que comentava que alguns especialistas viam a velhice como uma doença. O que é uma loucura. Ou seja, tudo está submetido a um ato médico, então tudo pode ser medicalizado. A vida existe de várias maneiras, muito

diferentes, inclusive nas plantas, nos girassóis, em outras coisas. Então, vejo essa convivência como muito difícil, extremamente difícil, porque existe uma disputa por hegemonia.

O que precisamos fazer em matéria de educação, me parece matéria de ensino de ética e moral, precisamos que outras perspectivas apareçam no mesmo patamar que o das que já são correntes. Não dá para achar que é alguma coisa menor, uma iguaria só de fim de semana. É um nutriente intelectual, de fim de semana, uma pizzazinha que se come, mas não faz parte da dieta diária. Não pode ser isso, porque, se for, a gente continua reproduzindo esse problema. Isso é um problema gravíssimo. A gente vai precisar fazer esse esforço e trazer isso à luz. Vai precisar questionar, dizer que a filosofia grega é uma hipótese dentre outras. Vocês gostam dessa hipótese? Legal, mas tem outras.

Vamos ler o Théophile Obenga, Cheikh Diop, George James, Oye-ronke Oyewumi, Mogobe Ramose, que não são lidos. Eu tenho essa formação, Priscila, por quê? Por

uma questão do destino, sou guerreira. Que é o que a gente chama aqui de griô, de família. Minha família ancestral africana, meus laços com a minha família, meu lado africano, é isso. Aprendi coisas com o meu avô, que aprendeu com o avô dele. Não aprendi na universidade essas coisas. Talvez ela nem fale sobre isso. Quem fala sobre esses autores? Eles estão chegando agora. Mas aprendi esses conteúdos com minhas avós, meu avô, aprendi muito disso em casa. Acabei tendo esse privilégio. Mas é uma coisa que as a maioria das pessoas não sabia. As pessoas não sabem.

### ÉTICA UBUNTU E DIGNIDADE

Vou indicar um material para o Anaximandro. O Wanderson Flor Nascimento está traduzindo, vai sair agora, um texto do Mogobe Ramose. Mogobe Ramose fala de ética ubuntu e a dignidade de todos os seres. Isso é muito interessante. Há alguns autores que tratam da ética ubuntu. Ramose trabalha um pouquinho. Mas há outros que trabalham isso, que é a relação com a natureza, com o meio ambiente. Essa relação de escuta ambiental.

Há uma expressão que ele usa, da qual gosto muito, que é polidiálogo. Você encontra isso nas entrevistas e nos textos dele em inglês. Agora está mais fácil encontrar as coisas dele.

Anos atrás era difícil. Há uns dez anos, só tinha um texto dele no Brasil. Eu comentei esse texto. Mas não tinha material dele. Está chegando agora. Ele fala em polidiálogo, por quê? Polidiálogo tem muito a ver com uma capacidade de conversar com muitos seres. E pode parecer um devaneio. O que quer dizer conversar com muitos seres? É entender que se a gente fizer uma extração de minério muito absurda e os dejetos forem colocados numa plataforma que ela não tem condições de suportar, ela vai se romper. O derrame desses dejetos vai soterrar um rio e esse rio vai levar cinquenta, cem anos para voltar ao normal. Isso vai acabar com aquela vida natural ali, com as pessoas que vivem naquele redor. Então, o rio está dizendo: não se pode tirar dejetos dessa região. É isso. Não pode fazer escavação nessa região. O rio fala isso. Isso é o que os Krenak escutam.

Os ubuntu falam sobre isso. Então não tem como, não vai poder extrair. Vai dar problema extrair, vão morrer a fauna e a flora. Vamos ficar impactadas e isso no futuro dá problema. Por exemplo, sabemos que há rios aéreos. Sabemos que, se aumenta o desmatamento na Amazônia, São Paulo tem menos chuva. E hoje os reservatórios vão estar lá embaixo, é simples.

Há um desequilíbrio ambiental no Brasil, tenho desenvolvido isso. Isso realmente ainda não está em muitos textos. É uma interpretação que eu estou fazendo a partir das leituras da Sophie Oluwole, de Orunmilá, sobre biomas afetivos. Biomas de afetos. Estudamos biomas afetivos para entender as relações entre uns e os outros. E quando desmatamos um bioma afetivo, sofremos as consequências. Um dos impactos mais comuns é a violência, a produção de violência. Serial killer. Há sociedades que não têm assassinato em massa, não têm certas violências.

Estou propondo o que chamo de geopsicologia, que é um estudo que tenho feito ultimamente. É um es-

tudo do campo da filosofia que faz uma relação entre os elementos da natureza e nós, humanos. Ar, água, terra e fogo. Isso está presente em Orunmilá. A água, o ar, o fogo e a terra que existem materialmente também são afetos. Então existe afeto de água, afeto de ar, afeto de fogo, afetos de terra, e aí, quando compreendo os afetos, percebo a importância do equilíbrio.

Há uma palavra em iorubá que é axé, que é desequilíbrio, desarmonia. Se não tiver axé equilibrado, você explode ou implode afetivamente. Para evitar as explosões afetivas, você precisa para se manter de bem consigo, o mal-estar afetivo pode levar à violência contra si ou contra o outro. Porque essa lógica exige um rival, tem que ter um vilão. Para ter um herói, tem que ter um vilão. Tem que produzir um vilão, para destruir o vilão, para poder ficar melhor consigo. Ou você se destrói. Então a gente tem muito suicídio, muito assassinato, muita morte violenta. É isso que a geopsicologia se propõe a estudar.

Anaximandro, sobre esses temas, recomendo que você procure Anderson Flor Nascimento, da UNB,

que faz muitos trabalhos incríveis de tradução.

Também recomendo o meu artigo: “*infanciação, ubuntu e teko porã*”, que escrevi com o Marco Barreto, um jovem de ascendência indígena.

Falo de cultura zulu, cultura guarani. É um artigo de vinte páginas. Citamos alguns autores que tratam disso. Porque acho que valem muito a pena essas leituras, que são um material que é pouco lido ainda no Brasil. O artigo é intitulado “*Infanciação, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas*”<sup>2</sup>.

Outro texto importante é “Odu Ifá” (*Odu Ifá: The Ethical Teachings. Translated by Maulana Karenga. Los Angeles, University of Sankore Press, 1999.*) organizado por Maulana Karenga, estou com ele aqui, um dos poucos textos com essa

sistematização. Não tem em português ainda, mas está em inglês e é de fácil acesso. Estou aqui, até vou pegar para vocês, mostrar para vocês que é o do Ifá, que é uma compilação de um texto de 2300 anos atrás, está bilíngue aqui, né? Em iorubá e em inglês. Odu Ifá é também um sistema ético. Eu comprei. Se comprei foi até nos Estados Unidos, estava nos Estados Unidos na época, comprei este. Aqui agora é fácil, encomenda tal. Mas só anos atrás é que no Brasil ele está presente em ensinamentos orais, em candomblé, por exemplo. Mas são 21 anos ali. Para aprender esse negócio, leva tempo pra caramba, formação religiosa, porque é outra, é outra lógica também, leva tempo. Não se forma de uma hora para outra, para se formar lá, leva um tempo danado. De 7 a 21 anos para se formar direito, para obter uma formação filosófica, política e religiosa consistente.

---

2 infanciação, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas renato noguera/universidade federal rural do rio de janeiro, brasil marcos barreto/prefeitura de japeri-rio de janeiro, brasil childhood&philosophy, rio de janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018, pp. 625-644 <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/36200/26377> <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/36200> <https://www.youtube.com/watch?v=Nb5Yr0Ye -0>

### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Deixa-me entrar na conversa bem rapidamente, antes das próximas perguntas, para fazer uma observação: aquilo que o Renato trazia a propósito dos dominadores, dos dominantes, chega até a gente no mais íntimo. Priscila, olha aí o que que você fez: pediu desculpa por usar o tu. É porque o “voceísmo” é o dominante. Não é? Olhe só, está aí, no nosso dia a dia. As pessoas estranham quando eu digo “uai”, o mesmo com o seu “tchê”. É isso aí, mas seguimos adiante, Sabrina.

### SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Tem uma pergunta: Carolina, você quer fazer a pergunta, quer ligar seu microfone, ou prefere que eu leia?

### CAROLINA GROHMANN

Obrigada pela oportunidade de poder perguntar direto para o professor. É com muito respeito, professor, se não se sentir confortável em responder, tudo bem, mas eu estou bem afetada pela sua fala. Agradeço demais essa imagem que o senhor trouxe do pensar como

um ato cardíaco. Muito obrigada mesmo por compartilhar esse olhar sobre o pensar. Vou ler minha pergunta: se pensar é um ato cardíaco, como pensar em tempos de governo Bolsonaro sem ter uma parada cardíaca; quais são os limites nesse reconhecimento do diferente e como conviver com ele, quando o presidente e seus apoiadores são fascistas? Professor, fica à vontade, sem pressão, o que vier assim já vai ser lindo. Obrigada!

### RENATO NOGUERA

Obrigado. Muito obrigado Carolina, não sei se tem mais alguém.

### SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Temos mais uma pergunta, da Carmen (Carmen Ligia Cesar Lopes Torres). A Carmem diz: na sua opinião, qual o papel da culpa existente nas lógicas religiosas do ocidente para a construção dessa lógica moral e ética no ocidente. Nas outras culturas que você cita, não há essa lógica da culpa?

## RENATO NOGUERA

### CULPA: UMA DÍVIDA IMPAGÁVEL.

A pergunta da Carmen traz muitas questões, com foco no papel da culpa. A culpa tem vários papéis importantes, porque a culpa tem um sentido moral. Óbvio que a culpa acaba às vezes assumindo um caráter moralista. O que não quer dizer que as pessoas precisam ter responsabilidade, mas quer dizer que você pode ficar preso na culpa e não conseguir caminhar, ficar com esse peso da culpa. Agora, é importante que as pessoas se responsabilizem. Uma diferença me parece na culpa, que está na base da cultura ocidental e há muitos autores, inclusive ocidentais, que falam sobre isso. O próprio Nietzsche por exemplo, filósofo muito conhecido, que inaugura a modernidade.

É porque há uma dívida para ser paga que é quase impagável. Qual a diferença? O pensamento religioso e a moralidade religiosa de muitos povos africanos e de alguns povos originários têm começo, meio e fim. Não tem começo, meio e fim. Não tem um terceiro ato que

é um juízo final, onde os bons são separados dos maus e aqueles que são bons vão herdar o paraíso final. É cíclico, é círculo, não tem uma linha, a ideia da linha. Passado, presente e futuro. E tem no futuro um ponto, em que a gente vai é ter um grande Armagedom. Vai ter um juízo final.

Então, a culpa se liga também a essa correlação com o tempo. Que a gente cometeu um pecado original e depois desse pecado, essa falta gravíssima, há uma redenção para essa falta. Isso não existe nas culturas originárias. Eu desconheço, por exemplo, assim no iorubá, no ndebele, no swali, no xhosa, não tem. No mundo bambara não tem. Nos guaranis não tem. É diferente. Então, o que tem? Você tem uma dádiva e você tem responsabilidade. Se você fez algo ruim, tem que consertar, tem que reparar. Você repara aquilo que foi feito, não carrega essa culpa. E como a vida é sagrada e fundamental, a sua relação com a vida deve ser uma relação de muito respeito, uma relação de responsabilidade, uma relação de cuidado na medida da sua possibilidade de cuidar. Você tem que

estabelecer isso, que você pode cuidar. E você não pode se organizar para produzir devaneios muito abrangentes, de cuidar de tudo ou de todo mundo, ou da mesma maneira, de amar a todos. Você pode amar quem? Você pode cuidar de quem? Você pode olhar o quê? Pode olhar uma cabra, cuidar de dez cabras, pode cuidar de quê? De quem você pode cuidar? O que você pode fazer? Qual o tamanho do seu passo? A própria ideia de conquista, a ideia de posse, não aparecem nos povos originários.

Por exemplo. Na cultura herero, lembro de um mestre herero falando. Ele disse uma coisa interessante: “Aqui, na nossa cultura, não tem a palavra ciúme. A gente não entende essa palavra”. Eles foram tentar entender isso e acharam muito estranho, não existe a palavra ciúme. Porque a relação afetiva é diferente: sempre pode amar o seu irmão, sua mãe, seu pai, sua mulher. Amar as pessoas, não tem ciúme. Então é outra relação com as coisas. Procure o herero, os herero são um povo sitiado na média Angola. Não sei como estão hoje, porque havia um acordo para

a construção de uma hidroelétrica e iam tirar todo o mundo da região. Terrível! E quase ninguém fala sobre isso. E isso é terrível porque eles têm uma tradição cultural muito interessante. São aldeados como os ianomâmis, aqui no território brasileiro. Eles tinham um território. Não dava para fazer uma hidroelétrica e tinha uma grande discussão.

#### **CADA UM DEVE TER SEU LUGAR**

Agora, vou responder à Carolina. Como viver com isso, com o fascismo. O fascismo é uma exacerbação desse projeto de dominação. De domínio de controle radical das vidas, de controle das coisas, de operação com a culpa, de transferência da responsabilidade, de branquitude ao extremo, de suprematismo branco, de masculinidade patriarcal, de símbolos patriarcais, desde dominar as curvas de uma moto. É muita coisa envolvida.

Tudo isso está ali presente. E como a gente faz? Acho que a grande resistência tinha sido proposta pelos quilombos dos Palmares, pelas aldeias dos povos originários.



Acho que hoje a grande questão dos grupos progressistas é entender que há uma guerra, um embate de caráter étnico-cultural. E esse embate de caráter étnico-cultural tem a sua radicalidade nas forças, nas potências afropindorâmicas, na linguagem do Nego Bispo. Eu já tinha falado sobre isso, é também a grande questão para Achille Mbembe, porque está na radicalidade da extrema direita. Isso foi, e continuando, o suprematismo branco. Por exemplo, exacerbação da masculinidade.

Certos valores, certas neuroses estão ali colocados. Então, o que está na outra ponta é uma disputa que radicaliza. Como a gente faz diferente? Fazer diferente agora não é asfaltar tudo, é talvez fazer mais jardins de chuvas na cidade que servem para que não se encha mais tanto. É ter hortas coletivas nos centros urbanos. Praças com hortas coletivas para que as pessoas possam amenizar a sua fome e terem espaços. Criar espaço para uma pessoa que não tem um teto. É não ter déficit habitacional. Como se faz para não ter déficit habitacional? Isso é uma disputa.

É importante não esquecer as estruturas religiosas, a moral religiosa judaico-cristã, abraâmica. Estou falando dos patriarcas. Mas o que acontece tem uma estrutura branca? Um grande patriarca? Tem a ideia de salvação? Ela está presente nos monoteísmos. Agora, não faz sentido falar em salvação nem no budismo, nem no candomblé. Não faz sentido falar de salvação na pajelança, ali não tem o conceito de salvação. Na religiosidade guarani, não tem salvação; nem no mundo iorubá. Porque não se trata de salvar, se trata de outra coisa. E aí, quando a gente vai para a arte da salvação, vamos ter esse embate, vai ter que ter a resposta de uma chave mestra.

Por outro lado, vamos fazendo coisas juntos, acertando e errando, mas respeitando a vida. Isso explicaria porque entre os guaranis, que estão aldeados na sua vida, porque lá não têm feminicídio. A Sandra Benitis, uma guarani, falou que estava muito assustada quando foi morar no Rio de Janeiro. Ela me disse: “estou assustada porque aqui a mulher menstrua e não pode fazer seu ritual; ela tem que traba-

lhar quando menstrua”. Na cultura guarani, há um ritual durante a menstruação. Ela tem um tempo para ela. É outra coisa.

É importante lembrar que Sandra Benitis, guarani nhandewara, foi contratada pelo MASP – Museu de Arte de São Paulo, para ser a primeira curadora indígena brasileira de exposições. E destacar que ela é doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Voltando ao tema. Não estou falando para a gente realizar rituais indígenas na nossa cultura. Estou dizendo que, nas culturas originárias, é outra coisa. Como não ter um ataque cardíaco entre nós? Vamos ter que nos articularmos muito, colocar cuidadosamente os pingos nos “is”. O que está em jogo agora não é mais todo mundo ter um modelo de vida, com armário de grande estrela de Hollywood, estrela de cinema, com armário com cinquenta mil sapatos. Esse modelo não funciona, não é sustentável. Precisamos ter outros modelos. Os modelos agora são outros, modelos

que tornem possível que a gente conviva no planeta e que possa ter vida para todo mundo. A vida tem que ser mais importante definitivamente. Então eu diria que esse é o desafio Carolina, fazer a vida ser importante para todo mundo. Vamos ter que fazer uma aproximação com essas perspectivas.

E eu acho que hoje, temos nomes que ajudam a entender tudo isso: vamos chamar Nego Bispo e Ailton Krenak para conversar. O que eles estão dizendo? Como é que a gente faz política, hoje? Como deve ser uma nova política? Do que a gente precisa? Fazer o que da cidade? Talvez, transporte de aldeia. Acho que transformar a cidade numa aldeia é algo interessante. Como é que a aldeia funciona? Aldeia está em círculo. A aldeia não tem um “não lugar”. Conheço quilombos, todo mundo deveria conhecer um quilombo ou uma aldeia. Não faz sentido ter déficit habitacional na aldeia. A cidade comporta déficit habitacional. Vamos ter que entender melhor isso. Por exemplo, entender que todos são parentes na aldeia. Porque todo mundo tem lugar, cada um tem sua importân-

cia. Não é que eu preciso amar todo mundo para isso. Posso inclusive não gostar de uma pessoa, posso não gostar de alguém, falar não, não, não gosto tanto disso. Mas para vida é importante que cada um tenha seu lugar.

Tem uma coisa que vocês talvez desconheçam. Algo que acontece com os krenak e com os dagara. Sobonfu Somé conta isso. Quando uma criança vai nascer, ela ganha uma canção. Aí, a mãe fala com o pai, fala com as parteiras, ou com quem vai receber a criança. Quando a criança nasce, todo mundo canta aquela canção. A canção é um pouco o sentido que ela tem na vida e ela vai ouvir a canção dela até morrer. Quando ela morre, cantam a canção. Que em algumas culturas africanas é a licença, a licença para ir embora. É a partir dos 84 anos. Pode parar com 110, mas antes, não dá para ir, não é muito legal ir antes desse período aproximado dos 84 anos. Porque antes não completou o ciclo da vida. Você tem um ciclo para completar que é sempre múltiplo de sete. Na minha ancestralidade, os ciclos são múltiplos de sete. Por isso é que

faz sentido ser múltiplos de sete. E aí você tem uma canção que você ouve. E você não pode perder a sua canção. A sua canção diz respeito àquilo que você oferta à comunidade. E todo mundo tem algo para oferecer à comunidade. Pode ser como caçador, como músico, como não sei o que, como alguma coisa. Algo para dar para as pessoas, para enriquecer as pessoas. E aí, quando você esquece a sua canção, as pessoas te lembram a sua canção. É o que o Ailton Krenak contou, isso também existe na cultura krenak. A pessoa tem uma canção. É uma canção que conta uma história publicamente. Todas as pessoas fazem alguma coisa, não existe uma pessoa que é um zero à esquerda, não tem loser, o perdedor.

Devemos considerar a cultura do loser, do perdedor, que é um nome terrível. Que é fracassado, literalmente perdedor. A gente chama de fracassado em português. Alguém perde ou alguém ganha. Então, num lugar que ninguém perde, ninguém ganha. Porque as pessoas fazem coisas diferentes e tem um lugar para cada um fazer alguma coisa. Para todo o mundo ser igual.

Não quer dizer que todo o mundo é a mesma coisa. Não, mas tem lugar para todos. Então, essa cultura não gera frustração.

Quando há muita frustração, pode existir fascismo. Quando há muita frustração envolvida e muita gente que acha que não tem o lugar que merecia. E aí tem muito de homem branco nessa parada. Sujeito normativo, que acredita que o sistema se voltou contra ele. E aí faz sentido existir a extrema direita que a gente tem hoje no Brasil. Ela já estava ali organizada numa horda de pessoas que se sentiam fracasadas, que tinham ciúmes, tinham inveja e falavam: “Onde a gente fica nesse lugar?”. Acho que era lugar onde existiam reis e rainhas. Reis e rainhas que mandavam muito. Que tinham tudo. O privilégio da branquitude. Se questionar o privilégio de branquitude, de classe, o bicho pega. É coisa de quem não tem paciência para perder nada, ou para dividir, ou para compartilhar. Existe uma cultura de não ter paciência para nada disso.

---

3 Filme: *Que horas ela volta?*

Direção: Anna Muylaert

Elenco: Regina Casé, Camila Márdila, Karine Teles, Michel Joelsas, Lourenço Mutarelli.

Ano: 2015

Há um filme que é muito bom, *Que horas ela volta?*<sup>3</sup>, com a Regina Casé como empregada doméstica, que mostra um pouco a classe média brasileira. A filha da empregada passa no vestibular e o filho dos donos da casa não passa. Ela passa em arquitetura. E eles perguntam: como é que ela passou? Eles não conseguem suportar isso. Uma dificuldade tremenda de conviver. É tentar ganhar no grito, na força.

Então, como não parar o coração? A gente vai ter que mudar isso. Eu diria que a gente precisaria fazer um projeto, radicalizar um projeto de aldeamento e aquilombamento. Isso é muito difícil, parece radicalidade para a democracia. E essa seria a grande democracia: aldeamento e aquilombamento, aldeiar e aquilombar.

### **O HULK É UM HOMEM QUE NÃO CHORA E NÃO AGUENTA FICAR IRRITADO**

Tem muita gente pensando sobre o significado de aldeiar e aquilom-

bar. Tem um grupo que há anos faz um projeto ubuntu, teko porã. Tem partidos novos discutindo. E gente fora de partido. Acho que tem muita gente discutindo coisa interessante. Não estou dizendo que a gente não vai apostar numa alternativa para a democracia. Mas que, no limite, vamos ter que radicalizar, porque o que é ruim volta. Vão e voltam, esses espasmos da extrema-direita que prendem e arreventam. E tem gente até que se diz bem-intencionada, que é de extrema-direita, que fala: “eu amo os pobres, eu amo o próximo”. Há pessoas religiosas, cristãs que dizem: “eu quero a moral, quero a família, quero os bons costumes”. Elas estão falando isso, estão pressupondo alguma coisa que está acima da própria vida. Que é um bem. E, no entanto, cometem atrocidades. Por exemplo, tirar dinheiro das universidades; não cuidar da sociedade; manter o impacto ambiental enorme, como nunca vimos antes. Está sendo um dos maiores que a gente teve.

Qual o desafio? Vê se eu ajudei Carolina. Precisávamos fazer essa radicalização, precisamos falar sobre isso. O que a extrema direita está

falando sobre isso? Está negando. Há uma aliança da extrema direita com a branquitude hegemônica.

A aliança de grupos progressistas precisa atentar para outras moralidades. Não dá para a gente consertar feminicídio só com prisão de homem. Tem que fazer homem chorar. Não adianta, vamos chorar. E aí dizer por que os guaranis são especiais. Eles não matam mulheres porque estão ali dentro da cultura. Isso quer dizer alguma coisa. Porque não tem feminicídio lá e tem aqui? Porque os nossos modelos são homens de ferro, Hulk. Paramos para pensar? Vamos parar para pensar. Quem é o Hulk? O Hulk é um homem que não chora nem aguenta ficar irritado. Quando fica nervoso, quebra tudo, esmaga, fica verde, superforte, a cor verde foi uma boa sacada do Stan Lee, um cara genial e autor e primeiro roteirista das aventuras dos heróis da Marvel. Sem dúvida, o verde como cor da natureza íntima já estava em Ausar, conhecido como Osíris, após ser restaurado. De qualquer modo, o verde, cor da natureza: no caso do Hulk, é quebrar tudo, esmagar. Pisou no pé

do Hulk, ele quebra tudo, vira um monstro. Homem de ferro não tem coração. Olha o modelo de masculinidade que esses homens têm.

Aí eu pego um modelo como Oxóssi. Oxóssi é outro modelo. Oxóssi chora. Ele se deita com outro homem, é outra coisa, se apaixona pelo próprio filho. Esse herói que é Oxóssi frequenta outro universo. Outra coisa: não se fala que o Hulk é o bem ou o mal. As implicações morais são outras. Temos que falar de um homem que se apaixona por outro homem, por uma mulher, um homem que chora. Há heróis iorubás que às vezes se transformam em serpente, às vezes em arco-íris. É outra coisa.

Agora, os heróis vingadores batem o tempo todo, esmagam seus inimigos. Esse modelo de herói funciona para a extrema direita, ele acaba funcionando, são mitos contemporâneos que circulam. Tanto que os avatares que eram usados na campanha presidencial de 2018 eram muito isso.

Mas há outros exemplos. Numa história da qual eu gosto muito, Oxóssi

si descobre uma coisa sobre suas inimigas: ele não teve um cuidado adequado com elas. Então, precisou entender que o inimigo é alguém a quem você esqueceu de prestar uma deferência que tinha que ser prestada. Então, a pessoa se tornou sua inimiga, está com raiva. Então tenho que escutar a raiva. E outra coisa: vou me sentar com ela, vou até brigar, mas vou fazer as pazes se for o caso. Mas não vou matar. Vou entender o que está acontecendo. Vou ter que chorar, rir, vai ter problema, mas há que resolvê-lo pacificamente, há que pagar o preço.

Nesta nossa sociedade, silenciar o outro costuma ser muito melhor do que pagar o preço. Você silencia o outro que pensa diferente. Não pode ser assim. A gente vai ter que se enfrentar, se enfrentar como gente, caramba, não é isso que eu quero, não é assim que eu desejo. Como é que é? Dá muito mais conflito. Mas são conflitos não mortais. Não é o conflito mortal, de pancadaria. Vamos ter que arrumar isso, como? Vamos arrumar todo o mundo, vamos opinar, todo o mundo mesmo. Vai ser como? Não vai ter um rei ordenando?

Eu não sei, não sei se deu para ajudar. Estou aqui pensando nessas tecnologias culturais. Acho que elas são óbvias, às vezes. Um mundo que tem os heróis que fazem o que eles fazem, é um prato cheio para as ideologias direitistas que a gente tem. Prato cheio!

E aí você tem a cultura dagara. Na cultura dagara, homens podem se casar com homens, com mulheres, mulher com mulher. Porém, um homem que casa com mulher faz um ritual muito interessante: o homem passa por um período vivendo como se fosse uma mulher; a mulher que casa com homem passa um período vivendo como se fosse um homem. Como se fosse você se tornar o outro, você se traveste. Se traveste para quê? Porque tem que aprender, tem um ritual de chorar, para você poder se relacionar com outra pessoa.

Há um texto de Sobonfu Somé<sup>4</sup>, uma professora e escritora burquinese, falecida em 2017, que fala sobre isso e está na internet. Também há palestras dela em inglês.

Então, assim é outra relação. Você precisa fazer um ritual para casar-se com uma pessoa. Se for do sexo oposto, você faz esse ritual. Sem esse ritual, não consegue se casar. Um homem por exemplo, precisa saber como é ser uma mulher, para se casar com uma mulher. E o contrário também.

### SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Tem mais duas perguntas. O Roberto Cenni pede, se possível, um aprofundamento sobre os biomas afetivos? E a Carmen (Carmen Ligia Cesar Lopes Torres), pergunta: “Eu acho que a idealização racionalizada é um fator muito forte que gera essas culpas e neuroses. O que você acha dessa idealização para a construção dessa lógica ocidental, ética e moral?”

---

4 O ESPÍRITO DA INTIMIDADE - ENSINAMENTOS ANCESTRAIS AFRICANOS SOBRE MANEIRAS DE SE RELACIONAR  
Sobonfu Some  
Editora Odysseus

## RENATO NOGUERA

### CULPAS, NEUROSES E BIOMAS AFETIVOS.

Carmen, primeiro obrigado pela questão. Roberto também. Agradeço a vocês. Quem quiser ver alguma coisa do meu trabalho, entre no Instagram: @Noguera\_oficial. Noguera sem o “i”. Eu falo de coisas assim do cotidiano, um bate-papo. Também You Tube: Canal do Noguera. Noguera sem “i” também.

Carmen, me parece que essa lógica ocidental não é de todo ruim. Em algum momento ela funcionou, não funciona mais, agora. Num certo momento do mundo, talvez fosse necessário porque se vivia em bando, havia muita neve, tinha perigos, risco, tinha lobos selvagens, tinha que proteger as pessoas. Então se criou uma forma de proteção, uma forma de sobrevivência. Só que agora o mundo é outro. Esse mito nos ajudou a sobreviver aos lobos das estepes, das cordilheiras europeias, na Alemanha, naqueles bosques franceses ou

em Sherwood, na Inglaterra. Essa lógica racionalizada funcionou. Fez sentido, não faz mais. Mas ainda há gente apegada a essa ideia. E não são poucas.

Roberto, obrigado por essa pergunta. Vou contar para vocês aqui em primeira mão. Não existe ainda muito material sobre isso. Assumi a incumbência de falar sobre isso e estou me organizando para publicar um trabalho no próximo ano. Fica aqui um compromisso, eu vou me organizar para publicar o primeiro trabalho, aqui no Brasil a respeito disso, biomas afetivos, um conceito sobre o qual eu fiz um texto curtíssimo, só para apresentar no blog Opinião<sup>5</sup>. Vocês encontram no blog Opinião: coloquem no Google, Noguera, sem “i”.

Fiz um textinho que fala de biomas afetivos, trago a geopsicologia de Orunmilá para falar sobre isso. Estou trazendo como alguém da filosofia, trazendo algumas coisas para esse material que ainda não está sistematizado. Tem a colaboração de diversos profissionais. Estou organizando filosoficamente,

<sup>5</sup> Blog Opinião / Renato Noguera  
<https://coletivoindra.org/blog-opiniao/category/Renato+Noguera>



sistematizando como funcionam os biomas afetivos, que é para entender que são naturezas, são faunas, são floras. Por exemplo, um bioma do fogo: o afeto de fogo pode ser fogueira, pode ser solar, pode ser vulcânico, isso faz diferença.

Você pode ter um afeto de água que tenha a expressão de lemanjá como mar revolto, mas pode ser como lago, Oxum único, calmo e brando. Isso tem a ver com os sentimentos, todos os sentimentos podem ser assim, ódio, raiva, ciúme, todo sentimento pode ser dessa forma. Pode se comportar como maremoto, pode se comportar como uma brisa, como uma ventania. Isso dá uma dimensão dos contornos das nossas relações com os outros. O objetivo é, a partir da geopsicologia, a gente entender, pela natureza, como nós nos comportamos.

Então, Roberto, estou nessa sistematização. Minha tarefa é fazer um texto mais consistente para publicar esse material inédito no Brasil. Isso é aprendido por quem tem uma formação de culto ifá, ou quem é ibo, que é iorubá. Isso está no universo cultural de algumas

tradições culturais dessa parte dos povos kwa, os povos do tronco kwa. Que é um pouco da minha formação com a minha avó materna, minha avó paterna também, que era uma rezadeira. Só que isso não está sistematizado filosoficamente.

### **IDEALIZAÇÃO RACIONALIZADA**

Carmem, a idealização racionalizada não é problemática, não era, quando você tinha neve caindo numa floresta, numa estepe. A França do século X, ou antes. Então tinha que ter algo desse tipo para segurar; mas, hoje, não é mais necessário. Era inclusive uma forma de falar: crianças, cuidado que tem um lobo mau. Hoje não é por aí. A história fazia um sentido naquele momento. Hoje a gente tem que ter outra conversa.

E obrigado Roberto, pela provocação. Vou me organizar, estou me organizando, com a minha terapia, que eu tenho que botar esse texto na rua. Não tenho tantos colegas na filosofia que têm esse conhecimento. Isso tem muito a ver com uma coisa muito específica. Dá

para entender Heidegger na faculdade, a gente aprende Merleau-Ponty, mas Orunmilá ainda não é dado na faculdade. Quase ninguém conhece. Por uma especificidade familiar, eu sou um guerruá formado em casa pela minha avó. Estou nesse meio e estudei filosofia, fiz doutorado em faculdade de filosofia. E aprendi com o “seu” Wilson, meu avô, as histórias importantes que ele aprendeu com o avô dele.

### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Renato muitíssimo obrigada por todas essas provocações. A gente entra na conversa mesmo a modo da filosofia, minha formação é essa. E acho que o que é núcleo mesmo do gesto filosófico é a pergunta. Há um livro muito bonito do Jostein Gaarder que se chama *Ei, tem alguém aí?*. E que tem uma história curiosa. Conto rapidamente antes de terminarmos. É a história de um garotinho de sete anos que encontra um garoto de outro planeta que caiu na sua casa e fica preso de cabeça para baixo na árvore no jardim. O garoto chega lá e se depara com aquele garoto pendurado e rindo. E ele diz: “De que que você

está rindo?” O garoto responde: “De você aí, de cabeça pra baixo”. Ele diz: “Mas é você que está de cabeça pra baixo”. E o garoto: “Alto lá, quando tem duas pessoas e uma está de cabeça para baixo, é muito difícil dizer qual é a que está certa”. O garoto desce da árvore, eles começam a conversar. E, em determinados momentos da conversa, o garoto extraterrestre se inclina e o outro fica intrigado: “Por que que você se inclinou?” E o ET: “Porque você me fez uma pergunta muito inteligente. Lá de onde eu venho, a gente sempre se inclina diante das perguntas inteligentes. Quanto mais inteligente, mais a gente se inclina”. Ele achou ótimo isso e logo a seguir foi ele quem se inclinou. E o ET diz: “Por que você inclinou?” Ele respondeu: “Porque você me deu uma resposta muito inteligente”. E o extraterrestre arrematou: “Alto lá, para as respostas, mesmo muito inteligentes, a gente nunca se inclina. A resposta faz a gente olhar para trás, para um caminho já percorrido, e a pergunta lança a gente para frente. Para o que ainda é desconhecido, para o que há para ser descoberto.”

Eu acho que é essa a tarefa da pergunta, e você brilhou aqui, Renato. Porque nos trouxe respostas, mas as melhores respostas são as que guardam perguntas. Acho que a gente vai sair com muitas questões, mais animados<sup>6</sup>. De coração esquentado nesse tal pensamento cardíaco.

---

**6 PARA SABER MAIS**  
"CRIANÇAS E NATUREZA". "O COMEÇO DA VIDA 2. LÁ FORA"

Trailer: <https://oomecodavida2.com.br>

Filme: <https://oomecodavida.com.br>

**FILOSOFIA AFRICANA**

filosofia africana - início ([weebly.com](http://weebly.com))

**FILOSOFIA AFRICANA DESDE VOZES FEMININAS**

Problemata Edição Especial v. 11 n. 2 (2020)

Revista Internacional de Filosofia, da Universidade Federal da Paraíba,

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/issue/view/2527>

**FILOSOFIA AFRICANA: PERTENCIMENTO, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO**

Problemata Edição Especial v. 10 n. 2 (2019)

Revista Internacional de Filosofia", da Universidade Federal da Paraíba

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/issue/view/2407>